



por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* *

INFINITIVO E PRONOME SE INÚTIL

Eis um assunto difícil, talvez impossível de abordar numa só lição. Trata-se exatamente do uso do pronome *se* em frases como a inicial: deveria eu ter escrito “impossível de *se* abordar”? Não necessariamente. Para confirmar, vejamos alguns casos específicos do emprego do infinitivo sem o pronome *se* para indicar impessoalidade.

1. Não se usa o pronome *se* com o infinitivo de *orações substantivas* (grifadas abaixo), das quais a mais comum é a oração subjetiva (funciona como sujeito do verbo *ser* e de outros verbos como *convir* e *caber*):

É bom *viver nesta cidade*. [e não: *viver-se]

Não é possível *duvidar do rapaz*. [e não: *duvidar-se]

As mesmas roupas permitem *chegar a um visual novo e bonito*, bastando *acrescentar acessórios diferentes*. [e não: *se chegar/ *se acrescentar]

Era importante *manter negociações com os países fronteiriços*.

Convém *fazer a escalada devagar*.

Não havia como *suspeitar da moça*, sempre tão solícita...

Na estrutura *ser de + infinitivo*, o *se* – embora comum – não precisa ser usado:

Era de ver a confusão no parque!

É de ver e rever!

Não havia lei que regulamentasse as temporadas de caça ou a captura de animais com armadilhas, de modo que **não era de espantar** que a maioria dos colonos praticasse a caça livremente.

É de esperar que os melhores candidatos sejam aprovados.

2. Não se usa o pronome *se* quando o infinitivo complementa um *adjetivo* e tem sentido limitativo ou passivo (por isso às vezes chamado de *infinitivo passivo*):

É uma cidade **boa de viver**. (*de alguém viver, de a gente viver*)



por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* *

Tal sujeito é osso **duro de roer!** (*de ser roído*)
No estande da feira havia livros baratos e **bons de ler.**
Algumas poesias são **fáceis de decorar**, outras não.
Só encontrei no saite exercícios **difíceis de fazer.**

3. O infinitivo fica invariável quando funciona como complemento nominal de um *substantivo*:

Já era *hora de investigar* o assunto. [e não: *de investigar-se]
O *processo de dividir* as cotas foi rápido.
Encontrou-se muita *dificuldade em obter* a cura.
O *hábito de beber* álcool é nocivo à saúde.
Há várias *maneiras de fazer* planilhas.

Observo que em alguns desses casos será possível flexionar o infinitivo se for preciso deixar claro que o sujeito é “nós”, perdendo o infinitivo a sua impessoalidade: *Já era hora de **investigarmos** o assunto. O processo de **dividirmos** as cotas foi rápido.* Mas normalmente o contexto onde se acha a frase já deixa isso evidente, tornando desnecessária a flexão.

Alguns ainda poderão objetar dizendo que usam o se porque tal construção corresponde à voz passiva sintética. A ver: *hora de ser investigado o assunto; dificuldade de ser obtida a cura, maneiras de ser feita uma planilha...* Se assim for, é conveniente anotar que no plural, no rigor da gramática, deve-se fazer a concordância verbal: *Há várias maneiras **de se fazerem planilhas.***

Por fim, embora o assunto não se esgote por aqui, lembro que é bom analisar a construção sintática antes de excluir o pronome se, pois pode se tratar realmente de voz passiva, a demonstrar impessoalidade, como neste exemplo:

Durante a Segunda Guerra Mundial, com a proibição **de se falar** o idioma alemão, a Irmã Cácia foi substituída por uma brasileira.

Se se dissesse apenas “**de falar** o idioma alemão”, a proibição pesaria somente sobre a Irmã Cácia; mas não é o caso, pois nesse período da guerra decretou-se que ninguém podia falar alemão no Brasil.

* Diretora do Instituto Euclides da Cunha e autora dos livros “Só Vírgula”, “Só Palavras Compostas”